

O fenômeno das “cantadas” no Brasil: uma análise psicodiagnóstica sobre os impactos desse aspecto social na saúde mental das mulheres

Priscila Libório Silva

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – FAMART

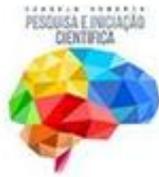
Resumo

O presente estudo busca fazer uma análise social sobre o fenômeno das cantadas no cenário contemporâneo brasileiro, a fim de compreender se este fenômeno pode gerar sintomas e patologias, e como isso seria analisado, investigado e detectado dentro de um processo de psicodiagnóstico. Os dados foram coletados através de um questionário online com 1.053 mulheres de todas as idades e diversas regiões do Brasil, e baseando-se no relato das mesmas, é possível se criar a hipótese que dentro de uma análise psicodiagnóstica seria possível constatar que estas mulheres poderiam apresentar transtornos e psicopatologias advindas, relacionadas e/ou desenvolvidas com base na exposição excessiva a experiência das cantadas que, segundo as próprias participantes interfere drasticamente em sua liberdade, comportamento e qualidade de vida social, emocional e psicologicamente

Palavras-chave: psicologia; violência verbal; violência sexual; psicodiagnóstico; psicopatologia.

Introdução

As popularmente conhecidas “cantada”, podem ser consideradas como uma das principais formas de violência contra a mulher nos tempos atuais. Muito embora, possa se argumentar que “uma cantada não faz mal a ninguém” uma pesquisa feita em 2013 pela jornalista Karin Hueck com 7.762 mulheres, mostra que 83% não consideram cantadas algo positivo, e 90% declarou que já mudou a forma de se vestir com medo do assédio físico e/ou verbal que poderia sofrer ao sair de casa. Essa mudança de comportamento mostra que muitas mulheres sentem medo, e mesmo se tratando dos



assédios verbais e existe a hipótese de que isso possa implicar no desenvolvimento de transtornos psicológicos como ansiedade, síndrome do pânico, dentre outros.

A violência sexual é uma das principais formas de violação dos direitos humanos, além de ser um crime de gênero, já que este tem mais haver com questões relacionadas a poder e dominação, do que a de satisfação sexual do abusador. GIFFIN (1994) exemplifica perfeitamente essa constatação ao citar que “O controle da/pela sexualidade é, *“o método por excelência do controle cotidiano das mentes e corpos das mulheres nas culturas patriarcais”* (Bleier, 1984: 165).” Todavia, engana-se quem acredita que apenas o abuso sexual físico se enquadra como uma violência. As cantadas, especialmente as de cunho sexual, direcionada a mulheres também deve ser considerada como uma forma de violência, uma vez que gera desconforto, medo e pode até mesmo levar ao desenvolvimento de psicopatologias.

Metodologia

Este estudo buscará compreender, através de pesquisa quantitativa e de revisão bibliográfica os impactos e consequências acerca do assédio sexual na vida das mulheres brasileiras, analisando a possibilidade de que estas mulheres possam desenvolver psicopatologias advindas de importunações repetitivas e/ou constantes, e como essas psicopatologias, se houverem, podem ser detectadas e analisadas pelo processo de psicodiagnóstico.

Os dados serão coletados por um questionário online direcionado a mulheres de todas as idades, buscando compreender como o fenômeno social das cantadas pode causar impactos nas questões psicossomáticas e psicopatológicas das mulheres na sociedade brasileira.

Utilizaremos conteúdo bibliográfico para embasar a análise dos dados coletados, confirmando ou refutando a hipótese da correlação do fenômeno das cantadas ao desenvolvimento de possíveis psicopatologias iguais ou similares as desenvolvidas por



mulheres vítimas de violência sexual e como isso seria verificado no processo de psicodiagnóstico.

O texto trará também uma reflexão crítica à cerca da importância da avaliação psicológica de comportamentos sociais relacionados ao gênero, uma vez que mesmo com os avanços científicos e sociais acerca dos direitos das mulheres na sociedade contemporânea, estas ainda são vistas em muitas instancias como um gênero “inferior” que deve se submeter aos dogmas patriarcais.

Pelos aspectos jurídicos que regem as leis brasileiras, podemos considerar importunação sexual toda e qualquer situação em que a vítima se sinta intimidada, constrangida, ameaçada e hostilizada através de palavras, ações e comportamentos de conotação sexual não solicitados, indesejados e até forçados, advindos de terceiros, sejam eles conhecidos ou não. E embora muitas leis tenham sido estruturadas para proteger a sociedade desse tipo de conduta criminosa, culturalmente é comum que tais comportamentos sejam reproduzidos de maneira constante por figuras masculinas através de cantadas e até mesmo através de investidas e toques indesejados, sejam em ambientes privados ou públicos. Todavia embora preencha todos os critérios anteriormente citados, as cantadas não são juridicamente consideradas como um crime e sequer se enquadra na lei de importunação sexual.

Os Institutos “Patrícia Galvão” e “Locomotiva” em parceria com a Uber, realizaram uma pesquisa, onde 97% das brasileiras com mais de 18 anos afirma já ter passado por situações de assédio e importunação sexual, seja no transporte público ou privado (aplicativos e táxis).

Sendo tais números tão avassaladores, a dúvida que embasa este estudo é: As cantadas são realmente inofensivas? As mulheres gostam e/ou se sentem seguras e confortáveis diante delas? Quais impactos as ditas cantadas podem causar na saúde física e psíquica destas mulheres?



Ainda que o assunto sobre os direitos das mulheres venha sendo amplamente discutido na atualidade, partindo desde aspectos dos direitos reprodutivos aos direitos políticos, a equidade social entre homens e mulheres ainda se mostra como um sonho distante. Desta forma, essa pesquisa se mostra necessária não apenas para fornecer dados sociais atualizados sobre a frequência com que mulheres são submetidas a cantadas e assédios, mas também, sobre como elas se sentem diante desse comportamento, e o impacto que isso poderá gerar em suas vidas e em sua saúde física e mental.

Sendo o psicodiagnóstico um processo de compreensão e avaliação psicológica, comportamental e emocional, de aspecto longitudinal, ele poderá nos revelar quais alterações psíquicas podem ocorrer após a exposição a eventos estressantes ou traumatizantes. Considerando a não inofensividade das cantadas, e as colocando hipoteticamente como evento estressor ou traumatizante, buscaremos trazer uma reflexão acerca do assunto para a comunidade científica e também para a sociedade brasileira, uma vez que o bem estar social e o direito de ir e vir sem receios é, sem dúvidas, um dos aspectos mais importante para o bem estar da psiquê humana.

Desenvolvimento

Na última décadas as pesquisas sociais e acadêmicas tem comprovado os inúmeros prejuízos que a violência sexual pode causar na vida das mulheres. Um dos principais motivos se relaciona a inabilidade do sistema jurídico de responsabilizar o abusador. Segundo pesquisa feita pelo “Congresso em Foco” (2017) apenas 1% dos agressores sexuais são presos ou processados no Brasil, o que de certa forma impede que as vítimas denunciem e busquem justiça pela violência sofrida.

De certa forma é possível dizer que a violência contra a mulher se tornou banalizada, afinal, mesmo que inúmeras leis tenham sido criadas e estruturadas para proteger e garantir que as mulheres tenham o direito de viver em segurança na



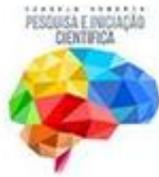
sociedade, a efetividade delas, na maioria das vezes, permanece apenas no papel e acaba não sendo social e juridicamente aplicável.

Todavia, não podemos culpar apenas o sistema jurídico, tratar a mulher com inferioridade é ligado a uma questão cultural mais profunda, que no Brasil ainda é extremamente ligada a questões patriarcais e a dogmas religiosos que se mostram arraigados na sociedade, perpetuando a cultura do machismo.

Se analisarmos com profundidade o contexto histórico, será possível verificar que por séculos fora recusada a figura feminina, o direito de exercer um espaço de “sujeito” social. Sendo imposto as mulheres a tarefa de servir sem questionar, a respeitar o homem e especialmente entender que aquele era seu lugar social, um lugar onde o feminino era inferior a figura do masculino. E mesmo quando os mínimos direitos lhe foram atribuídos, a voz ainda lhe era tirada, uma vez que sua índole, sua honestidade, sua vestimenta e seu comportamento eram usados como forma de argumentação, para mais uma vez invalidar qualquer que fosse a sua reclamação ou questionamento. A mulher não tinha sequer controle sobre sua sexualidade ou sobre a reprodução, logo seria utópico para a época crer que sua palavra bastaria para condenar um abusador sexual, caso este a tivesse violentado.

Mesmo séculos depois, a honestidade, a vestimenta e o comportamento da mulher ainda são usados como argumento narrativo, social e até jurídico para invalidar uma denúncia de violência sexual. Ao longo dos séculos, foi dito e ensinado aos homens, mesmo que de maneira indireta, que as mulheres estão ali para que se faça o que quiser, para obedecer e para servir, uma vez que suas vozes acabam silenciadas casos estas reclamem.

E mesmo com as lutas e conquistas adquiridas pelo movimento feminista nas últimas décadas, é da visão secular, antiquada e desumana que se alimenta a cultura do machismo na contemporaneidade, ampliando-se e adaptando-se de maneira moderna as diversas formas de subjugar, controlar, diminuir e possuir a mulher e tudo o que se ligar a feminilidade. Assim, o fenômeno da violência sexual também se amplia, assumindo novas características e formas de se apresentar.



Um comportamento comum do que chamaremos de “machismo contemporâneo” é o fenômeno das ditas “cantadas”. Embora o hábito de “cantar” mulheres seja algo muito anterior, nas últimas décadas esse comportamento tem assumido facetas novas, apresentando-se de maneiras muito mais invasivas e intimidadoras.

As cantadas podem inicialmente parecer um elogio inofensivo, mas, para muitas mulheres as cantadas soam como um tipo de assédio ou violência sexual, caracterizando inúmeros componentes descritos na lei da importunação sexual. O que nos leva a questionar se o incomodo gerado pelas cantadas, pode causar danos psicológicos similares ao de uma violência sexual física, uma vez que muitas mulheres além de desconforto sentem medo de que a investida verbal da cantada acabe virando uma investida física. Este medo por si só pode gerar mudanças psicológicas e comportamentais nas mulheres.

Segundo Silva:

“O trauma da violência sexual pode deixar marcas permanentes nas vítimas, gerando muitas vezes transtornos psicológicos como depressão, Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT), Bipolaridade, entre outros, e sem o acompanhamento adequado essas vítimas podem também apresentar dificuldades de se relacionar amorosamente e também de se socializar [...]” (SILVA, 2020)

Todavia, ainda foram pouco exploradas as possibilidades de adoecimento mental gerados pela importunação das “cantadas” que as mulheres recebem. Desta forma traremos o campo do psicodiagnóstico como uma forma de olhar para tais possibilidades, uma vez que esta é uma área da psicologia que lida não apenas com uma compreensão clínica das disfunções psicológicas, mas que também está ligada ao aspecto jurídico das análises psicopatológicas e na investigação dos possíveis causadores ou motivadores de um adoecimento psíquico.

Psicodiagnóstico

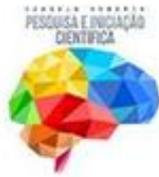
Psicodiagnóstico é o processo de avaliação onde o principal objetivo é identificar e compreender a queixa e os possíveis distúrbios que o paciente apresenta.



No processo de psicodiagnóstico trabalha-se com a aplicação da bateria de testes psicológicos e análise dos mesmos, mas, o processo é muito mais amplo do que isso. Para se compreender a estrutura psíquica, mental e emocional do paciente, é preciso identificar e compreender a dinâmica dos traços de personalidade, o desenvolvimento da infância à vida adulta, os aspectos sociais, comportamentais, história de vida do indivíduo, histórico médico (físico e psiquiátrico), o ambiente na qual o sujeito está inserido, e outras diversas informações que podem influenciar a vida psíquica do paciente. Dessa forma, é crucial que o psicólogo faça uma boa anamnese, a fim de compreender a história do sujeito, podendo assim, elaborar hipóteses diagnósticas bem fundamentadas, além de selecionar a bateria de testes adequada e também obter informações que serão relevantes para análise e correção de determinados tipos de testes.

“O psicodiagnóstico é uma avaliação psicológica, feita com propósitos clínicos, sendo um processo que visa a identificar forças e fraquezas no funcionamento psicológico, com um foco na existência ou não de psicopatologia. Isso não significa que a classificação psiquiátrica seja um objetivo precípua do psicodiagnóstico, mas sim que, para medir forças e fraquezas no funcionamento psicológico, devem ser considerados como parâmetros os limites da variabilidade normal (Yager & Gitlin, 1999).”

Desta forma, o psicodiagnóstico pode ser utilizado como ferramenta de compreensão e identificação de aspectos psicológicos disfuncionais advindos, por exemplo, do trauma de uma violência sexual. Sendo a anamnese um ponto de partida extremamente importante para o processo de psicodiagnóstico, analisaremos os dados obtidos nesta pesquisa, como base inicial para se levantar hipóteses que poderiam ser ou não confirmadas num processo de psicodiagnóstico completo. É importante, entretanto, frisar que as informações obtidas nesta pesquisa são voltadas apenas para um aspecto de vida das participantes, o que não invalida a importância que cada relato poderia ter dentro de uma avaliação mais ampla e completa, algo que poderá inclusive ser executado em pesquisas futuras. O que precisa ficar claro aqui, é que o fenômeno das



“cantadas” que fundamenta esta pesquisa, é citado como uma queixa que está diretamente ligada ao desconforto social que causa nas mulheres, e que se torna uma violação verbal dos corpos femininos o que pode levar a mudanças comportamentais sendo elas ou não ligadas a transtornos psicológicos, e sendo citado como queixa, poderia sem dúvidas trazer hipóteses diagnósticas relevantes em um processo de psicodiagnóstico.

Apresentaremos a seguir dados quantitativos levantados por esta pesquisa, a fim de mostrar que o fenômeno das cantadas pode ser considerado uma violência sexual verbal, e que mesmo sendo ‘apenas’ verbal, não está tão longe assim dos danos psicológicos que a violência sexual física causa nas mulheres. Os dados apresentados serão por fim usados para embasar as hipóteses diagnósticas que poderiam ser apresentadas no processo de psicodiagnóstico e comprovando que tais hipóteses seriam quase que em totalidade ao da possibilidade de se haver alguma psicopatologia existente desencadeada total ou parcialmente pelas cantadas.

Resultados e Discussão

Os dados desta pesquisa foram coletados através do preenchimento de um formulário online, onde foram obtidas um total de 1.053 respostas de mulheres brasileiras de todas as idades, de diversos grupos e classes sociais e diferentes regiões do Brasil. As identidades de todas as participantes permanecerão anônimas a fim de proteger sua integridade física e mental, sendo assim nomes não serão citados e os relatos serão abordados de forma generalizada. As porcentagens e o gráfico a seguir apresentam a idade das respondentes desde formulário:

15% menos de 18 anos;

56,1% entre 18 e 24 anos;

19,5% entre 25 e 32 anos;

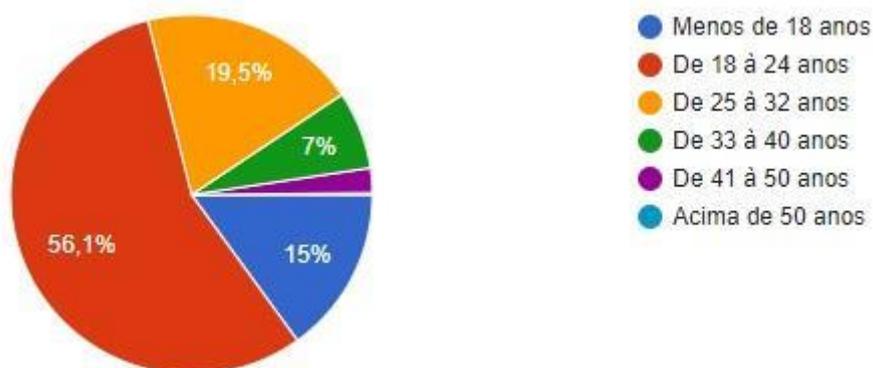
7% entre 33 e 40 anos;

2,2% entre 41 e 50 anos;

0,2% Mais de 50 anos.



Gráfico 1 – Porcentagem de acordo com idade



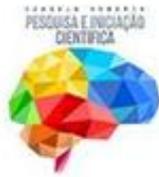
Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre os aspectos gerais

As participantes foram questionadas se já haviam recebido “cantadas” em locais públicos, 96% disseram já ter recebido cantadas em lugares públicos, 2,4% disseram que talvez tenham sido cantadas publicamente, e apenas 1,5 disseram que não ter recebido cantadas em locais públicos.

Quando questionadas sobre o que sentem ao receber cantadas, as palavras mais citadas foram: medo, incomodo, constrangimento, vergonha, nojo e raiva. Algumas participantes relataram ainda, se sentir violadas, objetificadas, inferiorizadas e até humilhadas. Um número considerável de mulheres relatou se sentir estressada ao receber uma “cantada”.

Apenas 1 (uma) participante disse se sentir encantada ao receber uma cantada. 6 participantes disseram não se incomodar se a “cantada” for respeitosa, 2 participantes disseram se sentir “apáticas” a cantadas, e apenas 1 participante descreveu em seu relato que nunca recebeu embora em dados quantitativos da pergunta anterior, tenham sido 9 as participantes que marcaram “não” para a opção de já ter recebido uma cantada.



82,9% disseram já ter deixado de usar alguma roupa por medo de receber alguma cantada desagradável. 17,1% disseram que não. 88% disseram já ter deixado de ir/passar em algum lugar para não receber uma cantada e 12% responderam que não.

Quando perguntadas se as pessoas que lhe dirigiram "cantadas" eram pessoas conhecidas, 51,5% das participantes alegaram que não e 44,3% disseram que as cantadas vieram tanto de pessoas conhecidas quanto desconhecidas. 1,7% disseram não ter certeza, 1,2 disseram que as cantada vieram de pessoas conhecidas e 1,4 disseram nunca ter recebido cantadas.

Sobre os aspectos psicopatológicos

As participantes foram questionadas se já haviam sido diagnosticadas com algum transtorno, 47,3% disseram não ter sido diagnosticada com nenhum transtorno psicológico. 29,2% disseram ter diagnóstico de algum adoecimento psíquico e 23,6% disseram não ter diagnóstico, mas, fazer ou já ter feito acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico. Os principais transtornos listados foram: Depressão (incluindo distímia), Transtornos de Ansiedade, Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) e Transtorno de Personalidade Limítrofe (Borderline).

Outras psicopatologias ou alterações comportamentais citadas foram: Transtornos e distúrbios alimentares, Síndrome do pânico, fobia social dentre outras, Transtornos Obsessivo Compulsivo (TOC), Transtorno de Personalidade Histriônica (TPH), TDA e TDAH, Autismo, Ciclotimia, Burnout.

Algumas participantes disseram não ter um diagnóstico fechado, embora acreditem possuir alguma psicopatologia.

Sobre os impactos das cantadas na vida das mulheres

Quando perguntas sobre com qual idade as participantes se recordavam de ter recebido a primeira cantada 97,2% disseram ter recebido a primeira cantada com menos de 18 anos. 2,4% disseram ter recebido a primeira cantada entre os 18 e 24 anos. A 0,2



% disseram ter recebido a primeira cantada entre 25 e 32 anos. Nas demais classificações de idade não houve marcação de nenhuma participante.

Quando perguntadas se gostavam de receber cantadas, 67% das mulheres disseram não gostar de receber cantadas, 32,8% disseram que depende e 0,3% disseram que gostam de receber cantadas. 95,5% das participantes responderam que se sentem invadidas/violadas quando recebem uma cantada na rua, e 4,5% disseram que não se sentem invadidas ou violadas. 89,7% das mulheres disseram considerar as cantadas como uma forma de violência, enquanto 10,3% disseram não achar as cantadas uma forma de violência.

Quando perguntadas se as participantes se sentiam intimidadas ao receber uma cantada 91,1% disseram que sim e 8,5% disseram que não. 96,1% das mulheres participantes disseram acreditar que cantadas podem causar ataques de pânico, ansiedade, medo constante, insegurança, dentre outros e 3,9% acreditam que cantadas não causam tais transtornos. Em questão posterior, algumas participantes relacionaram seus transtornos psicológicos à violência sexual e a intimidação que figuras masculinas causam em figuras femininas, o que as faz sentir ainda mais medo das cantadas que recebem, já que acreditam que essas cantadas podem sair do verbal para algo físico.

As participantes foram questionadas sobre o porquê acreditavam que cantadas podiam gerar ataques de pânico, ansiedade, medo constante, insegurança, dentre outros transtornos e sintomas. Os relatos nos trazem uma perspectiva baseada em experiências pessoais da grande maioria das participantes da pesquisa, onde estas citam “estresse pós-traumático” como diagnóstico comum a elas diante de situações de importunação e violência sexual vivenciadas por elas. Muitas citam que as cantadas geram um sentimento de insegurança de ir e vir livremente, assim como gera medo de que a cantada acabe virando um abuso sexual físico. Este medo gera respostas psicológicas como ansiedade, ataques de pânico e problemas de auto estima, etc. Muitas também citam que as cantadas podem remeter a experiências traumáticas anteriores, trazendo novamente o trauma à tona o que podem desencadear psicopatologias e/ou desencadear recaídas a patologias já tratadas ou em tratamento. Uma participante citou o seguinte:



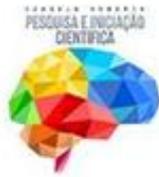
“Eu acredito que cantadas possam sim ser consideradas um tipo de violência psicológica, porque a violência não se restringe apenas ao corpo físico de uma mulher. A violência também está no que se diz e em como se diz, na forma como uma mulher é abordada oralmente por conhecidos ou desconhecidos. E quando essa violência psicológica se estende e se repete por incontáveis vezes, mês após mês, ano após ano, é inevitável que uma mulher psicologicamente vulnerável desenvolva sequelas que dizem respeito a sua autoestima, sua confiança em terceiros e, principalmente, sua liberdade de ir e vir.”

Uma outra participante afirma: “Vivemos em uma cultura onde os homens não lidam muito bem com "nãos". Diariamente somos bombardeados com notícias de homens que assassinaram mulheres por pouquíssima coisa. Portanto ouvir uma cantada e não ter muitas formas como reagir se defendendo pode causar ansiedade, revolta pela falta de voz e também medo de ser a próxima a virar estatística, reagindo a cantada ou até não reagindo... nunca sabemos quando estamos realmente seguras.” Para Castillo *et al* (2000) medos excessivos e persistentes que tenham relação a uma determinada situação podem desencadear fobias específicas, gerando ataques de pânico e ansiedade generalizada.

Quando perguntadas se as participantes se sentiam incomodadas com uma cantada mesmo que ela seja feita por um homem rico e/ou bonito 98,4% disseram que se incomodavam sim, pois o fato de ser rico e/ou bonito não dá ninguém o direito de "cantar" mulheres. Apenas 1,6% disseram que se o homem for rico e/ou bonito elas podem se interessar pela cantada.

As participantes foram perguntadas se nas experiências que tiveram com cantadas, houve alguma situação em que elas acabaram se interessando pelo homem que havia passado a cantada, 14,9% disseram já ter se interessado pelo homem que lhes passou uma cantada, enquanto 85,1% disseram que não se interessaram.

As participantes também dissertaram sobre quais tipos de cantadas elas consideram mais desagradáveis. A maioria alega que as piores cantadas são as de cunho sexual, que falem do corpo e das roupas, e que sejam insistentes e invasivas. Alguns

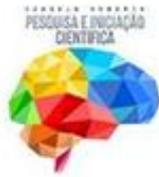


exemplos de cantadas desagradáveis citadas pelas participantes foram: gostosa, delícia, “oh lá em casa”, gatinha, novinha, dentre outras de sentido similar.

As participantes foram orientadas a descrever conforme suas opiniões pessoais se acreditavam existir alguma cantada que poderia não soar ofensiva, ou se todas causavam desconforto/mal estar. A grande maioria das mulheres disse que flertes respeitáveis, elogios não relacionados ao corpo e/ou cantadas de cunho sexual, poderiam não soar ofensivas dependendo do contexto, do tom da fala, do ambiente e da reciprocidade da mulher que recebe a cantada. Muitas inclusive descreveram quais destas cantadas poderiam não soar tão desagradáveis, como elogios à personalidade, aos cabelos, ao estilo, cantadas divertidas e criativas que não objetifiquem o corpo da mulher, que respeitem o espaço e também o não dado por elas. Todavia, muitas mulheres disseram não haver cantadas que não soassem ofensivas, algumas inclusive argumentando que existe uma grande diferença entre elogio, flerte e cantada, sendo para elas a cantada algo que acaba sendo invasivo e ofensivo.

As participantes foram questionadas sobre o que elas acreditavam que motiva os homens a "cantarem" mulheres que muitas vezes eles nem conhecem. A resposta mais predominante foi Machismo e cultura patriarcal. Todavia também foram muito citadas a questão de poder que os homens acreditam ter sobre as mulheres, baixa autoestima, achar que suas ações não geram consequências, safadeza, mau caráter, tentativa de reafirmação da masculinidade, falta de respeito, cultura do estupro, necessidade de atenção, objetificação da mulher, falta de educação, falta de empatia, falta de consciência.

Foi solicitado as participantes da pesquisa a descreverem suas experiências com "cantadas", e como elas se sentiram, os relatos são longos e alguns até perturbadores, então a fim de manter também a confidencialidade em relação a identidade das participantes, os relatos serão colocados de maneira generalista. Muitas relatam ter recebido cantadas ainda muito jovens em torno dos 11 anos de idade e que isso as marcou muito pois elas ainda eram crianças e acreditam que não seja normal direcionar uma cantada de cunho sexual a uma mulher adulta, quem dirá a uma criança. Muitas



citam que as cantadas são sempre muito sexuais e invasivas e que partem normalmente de desconhecidos em locais públicos. Nos relatos, a maioria esmagadora das mulheres destaca experiências com cantadas com teor sexual pesado, onde os homens falam de seus corpos e roupas, e faziam gestos obscenos, e algumas até relatam que foram seguidas. Diante das cantadas recebidas as participantes alegaram ficar sem reação, com raiva, com muito medo, nojo, se sentindo constrangidas, envergonhadas, angustiadas, ameaçadas, e até desesperadas. Muitas dizem que embora saibam que nada fizeram para receber a cantada, se sentem culpadas e se questionam se poderiam ou podem fazer algo para evitar aquele tipo de situação novamente. Muitas disseram que sentem raiva dos homens pois se sentem em constante perigo diante destas atitudes vindas deles. Em inúmeros relatos as participantes alegam sentir medo de serem estupradas após receber uma cantada, especialmente diante das cantadas de cunho sexual.

Por fim, as mulheres descreveram o que diriam aos homens que "cantam" as mulheres na rua, caso pudesse reagir as cantadas sem risco de retaliação por parte destes homens. A grande maioria disse que xingaria e exigiria respeito, avisando que não gostavam daquele tipo de abordagem. Muitas participantes mostraram raiva e revolta, e algumas até citaram que seriam agressivas, pois para elas as palavras proferidas nas cantadas podem ser tão agressivas quanto uma agressão física e devem ser retribuídas de igual forma. Muitas disseram que xingariam, que fariam palavrões e responderiam a altura as cantadas invasivas e de mal gosto. Algumas disseram que pediriam para parar e até tentariam explicar que aquele comportamento é desagradável e ofensivo.

Na análise do psicodiagnóstico

O processo de psicodiagnóstico é pautado nas seguintes etapas:

1. Entrevista inicial (anamnese);
2. Levantamento de hipóteses iniciais (Baseado nos relatos e queixas do paciente);
3. Construção de um contrato de trabalho com o paciente;
4. Criação de um cronograma de avaliação;
5. Bateria de testes;



6. Análise e interpretação dos dados;
7. Finalização do processo, prognóstico e se necessário encaminhamento.

Durante o processo, tanto para a elaboração de hipóteses, quanto para a análise e compreensão de determinados dados da bateria de testes, conhecer e compreender a história pregressa do paciente é de fundamental importância para que os dados sejam interpretados adequadamente a fim de que o diagnóstico e o prognóstico do paciente sejam feitos da maneira correta.

Sendo assim, as experiências de vida marcantes, sejam elas positivas ou negativas são de grande relevância na compreensão dos dados coletados. Diante desta visão, os resultados apresentados nesta pesquisa mostram o quanto os relatos das mulheres que participaram desta amostra seriam extremamente úteis, relevantes e importantes durante um processo de psicodiagnóstico. Ainda que inicialmente as cantadas pudessem não surgir como um fator principal de suas queixas, esse fenômeno sem dúvidas, faria parte de uma categoria de informações que influenciaria e traria muito significado a interpretação dos dados e no levantamento de hipóteses ao longo do processo de psicodiagnóstico.

De acordo com a resolução nº 6, de 29 de maio de 2019 do Conselho Federal de Psicologia, o psicólogo que atua em um processo de psicodiagnóstico deve considerar, dentre outras coisas:

“[...] atuar com autonomia intelectual e visão interdisciplinar, potencializando sua atitude investigativa e reflexiva para o desenvolvimento de uma percepção crítica da realidade diante das demandas das diversidades individuais, grupais e institucionais, sendo capaz de consolidar o conhecimento da Psicologia com padrões de excelência ética, técnica e científica em favor dos direitos humanos. (Conselho Federal de Psicologia, 2019)”

O que trás como regra ética que o contexto social e as experiências vividas pelo paciente sejam levadas em consideração, uma vez que são de extrema relevância para a compreensão e interpretação dos dados e descobertas feitas no processo psicodiagnóstico.



Sendo assim, considerar eventos sociais marcantes para o paciente é parte crucial do processo, e no caso das mulheres que participaram desta amostra, caso cada uma delas passasse pelo processo de psicodiagnóstico e trouxesse como elemento causador de desconforto o fenômeno das cantadas, muito provavelmente durante o processo de psicodiagnóstico se constataria que as cantadas podem sim ser a e/ou uma das causadoras de suas alterações psíquicas e comportamentais.

Considerações finais

Os resultados apresentados na amostra desta pesquisa trazem uma reflexão dura acerca das consequências do fenômeno das cantadas em nosso país. Mesmo que seja visto como algo inofensivo, mais de 95% das participantes alegaram não gostar desse tipo de comportamento e relataram sentir medo suficiente para mudar a forma como agem e como se sentem, além de alegar que esse desconforto gera nelas sintomas de pânico e ansiedade, além do medo eminente de serem estupradas. Essa alteração comportamental por si só não é característica de patologia, porém, os relatos das participantes são claros quanto ao impacto negativo que as cantadas possuem sobre sua saúde psíquica e muitas justificam cantadas e as diversas formas de assédio e importunação sexual como motivo de seu adoecimento e desenvolvimento de transtornos psicopatológicos, o que poderia com certeza ser identificado no processo de psicodiagnóstico como um dos fatores causadores do adoecimento psíquico destas mulheres.

Se inseridas no processo psicodiagnóstico, as alterações comportamentais e psíquicas descritas por elas seriam de extrema relevância para o desenvolvimento e finalização do processo, uma vez que além de identificar possíveis transtornos psíquicos tal ferramenta também tem função investigativa no trato de compreensão dos possíveis motivadores e/ou influenciadores que levaram o indivíduo ao adoecimento mental, direcionando então o paciente ao melhor tipo de tratamento psicológico e/ou psiquiátrico.



Sendo o psicodiagnóstico uma ferramenta de análise e investigação clínica, sua relevância em procedimentos jurídicos é de grande necessidade e importância, uma vez que ajudaria não apenas a comprovar a existência de alterações psíquicas, como auxiliaria a compreender de onde tais alterações podem ter vindo, servindo de evidência em processos jurídicos de violência, assédio e importunação sexual.

Desta forma destacamos a necessidade de desenvolvimento e aplicação de leis para lidar com as chamadas cantadas, que embora não esteja listada de forma direta na lei de importunação sexual, preenche inúmeros requisitos descritos na mesma. Vale lembrar ainda que a lei da “importunação sexual” é considerada apenas uma contravenção ao contrário do estupro que é considerado um crime hediondo, todavia com base na amostra deste artigo foi possível constatar que os impactos psíquicos causados pelas cantadas, são muito similares aos causados por uma violência sexual física. Todavia, o problema ainda é cultural, estrutural e social, e seriam necessárias pesquisas mais avançadas para que pudéssemos pelo menos tentar mostrar os impactos que uma simples cantada pode causar a uma mulher, a fim de obter não apenas leis mais amplas e estruturadas para garantir a segurança das mulheres, como para tentar conscientizar e educar socialmente os homens para que estes compreendam que cantadas pesam muito mais do que um elogio, mas isso é debate para outra hora.

Referências:

ANGHINETTI, Heliane. A construção do estupro como problema social. Rev Med Minas Gerais 2016; p. 112-117. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/2133> Acessado em 20 de mar. 2021

CASTILLO, Ana Regina G. L. *et al.* Transtornos de ansiedade. Revista Brasileira de Psiquiatria, 22 (2000): 20-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3791.pdf> Acessado em 20 de mar. 2021



Código Civil. Lei N° 13.718, de 24 de setembro de 2018. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm Acessado em
20 de mar. 2021

Conselho Federal de Psicologia. Resolução nº6, de 29 de março de 2019. Disponível
em:
[https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/69440957/
do1-2019-04-01-resolucao-n-6-de-29-de-marco-de-2019-69440920](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/69440957/do1-2019-04-01-resolucao-n-6-de-29-de-marco-de-2019-69440920) Acessado em 20 de
mar. 2021

CUNHA, Jurema Alcides. Psicodiagnóstico V. 5º ed. Porto Alegre: Artes Médicas,
2000.

GIFFIN, K. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de
Janeiro, v. 10, p. 146-155, 1994. Disponível em: <
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500010&
lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500010&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 20 de mar. 2021

G1SP e GloboNews, 2019. Disponível em:
[https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/18/97percent-das-mulheres-dizem-ja-
-ter-sido-vitima-de-assedio-no-transporte-publico-e-privado-no-brasil-diz-pesquisa.gh
ml](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/18/97percent-das-mulheres-dizem-ja-ter-sido-vitima-de-assedio-no-transporte-publico-e-privado-no-brasil-diz-pesquisa.gh.html) Acessado em 20 de mar. 2021

PADULA, Sandra. O que é psicodiagnóstico? Blog Diálogos do Saber, 2018.
Disponível em:
[https://dialogosdosaber.com.br/psicodiagnostico/#:~:text=O%20psicodiagn%C3%B3sti
co%20%20%20processo,vai%20permitir%20ao%20psic%C3%B3logo%20i
dentificar](https://dialogosdosaber.com.br/psicodiagnostico/#:~:text=O%20psicodiagn%C3%B3stico%20%20%20processo,vai%20permitir%20ao%20psic%C3%B3logo%20identificar) Acessado em 20 de mar. 2021



RABAHIE, Júlia. ‘Cantadas’ na rua ampliam debate sobre assédio sexual e direitos da mulher. Rede Brasil Atual, 2013.

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/09/cantadas-nas-ruas-ampliam-debate-sobre-assedio-sexual-e-direitos-da-mulher-5302/> Acessado em 20 de mar. 2021

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "Cantadas"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/cantadas.htm>. Acessado em 20 de mar. 2021

SILVA, Priscila Libório. “O impacto da violência sexual na vida de mulheres adultas: uma análise comportamental, social e emocional.” Congresso Interdisciplinar de Pesquisa, Iniciação Científica e Extensão Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, Belo Horizonte, 2020. p. 517-523. Disponível em: <http://izabelahendrix.edu.br/congresso/anais/2020/humanas/517-523-analise-comportamental.pdf> Acessado em 20 de mar. 2021

YAGER, J. & GITLIN, M.J. Manifestações clínicas de transtornos psiquiátricos. *Tratado de Psiquiatria*. 6.ed. V.1 (p.692-726). Porto Alegre: Artmed, 1999.